

COMMERCIO DO MINHO

FOLHA COMMERCIAL, RELIGIOSA E NOTICIOSA.

EDITOR E PROPRIETARIO JOSÉ MARIA DIAS DA COSTA, RUA NOVA N.º 3 E.

PREÇO DA ASSIGNATURA	
5.º ANNO	
Braga, 12 mezes.	1\$600
» 6 »	850
Correspondencias partic. cada linha	40
Annuncios cada linha.	20
Repetição	10

PUBLICA-SE
ÀS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.

PREÇO DA ASSIGNATURA	
Provincias, 12 mezes.	2\$000
» 6 »	1\$050
» sendo duas assignaturas	3\$600
Brazil, 12 mezes, moeda forte.	3\$600
Folha avulso	10

N.º 692

BRAGA—TERÇA-FEIRA 25 DE SETEMBRO DE 1877

Os amigos do sr. A. Herculano.

Chamou Deus no dia 13 a contas a alma do sr. Alexandre Herculano, cujo cadaver foi no dia 14 entregue á terra d'onde sahira.

Desde aquelle dia que encheu de luto e lagrimas, quaes por um motivo quaes por outro, a muitos dos que conheciam o finado, ou com elle tinham praticado; desde aquelle dia, repetimos, não tem cessado até hoje os jornaes missionarios da degradação da intelligencia e da esdravidão da razão, em nome da soberania d'aquella e da liberdade d'esta, de entoar lãs ao «grande homem», e de expor ás publicas adorações este cadaver de que fizeram um fetiche.

Nós deixamol-os fazer. Com quanto nos pareça incontestavel que o justo juizo da historia hade corrigir muitas das apreciações dos aduladores, que se antepuzeram ao que a consciencia publica, e a sabedoria dos tempos vindouros não de proferir, não quizemos perturbar os sacerdotes do jornalismo do gosto de se prostarem de bruços diante do tumulo de quem tanto os flagellou na vida.

E tambem estamos tão costumados ás exagerações japonezas, com o fim d'illaquearem os simples, ofuscar os ambiciosos, e recrutar pervertidos, que nos pareceu melhor esperar que Deus provesse n'isso. O que nos fez estranheza, foi o silencio d'aquelles que deveriam estar despartos, e dar a voz d'alerta, por isso que estão sendo sentinellas da verdade e da justiça no campo da imprensa.

Não esperamos debalde. Mal teriam passado quarenta horas depois do enterro, que o «Diario de Noticias», um dos mais incansaveis pregoeiros das virtudes do defunto, e da popularidade que as mesmas lhe conquistaram, dava a ler o seguinte aos seus vinte mil assignantes:

«A imprensa viu com magoa o pouco fervor (lêde *indifferença*) que se notou nas homenagens oerradeiras prestadas ante-hontem a um homem eminente (o sr. Alexandre Herculano), que servira com abnegação a civilização do seu paiz, e que era uma das mais solidas glorias d'elle. Parte d'ella mostrou a sua tristeza por esse facto que não abona a nossa illustração.»

Esta *indifferença*, ou «pouco fervor», foi-tão evidente que não pareceu facil empreza inventar o entusiasmo, que em bastantes occasiões se tem audazmente substituido á gélida realidade. Como facto incontestavel cremos ser-nos licito discorrer sobre elle.

Não queremos escrutinar agora se ha diversas civilizações, e quantas; basta-nos conhecer que sejam quantas forem, aquella que o sr. A. Herculano serviu «com abnegação», não era a que inculcam, nos impuzeram, e procuram generalisar os jornalistas. Este notavel escriptor quiz a civilização pela Cruz, e com a Cruz, e a dos jornalistas é tão inimiga da mesma, que a despedaçava e ainda quebra sempre que pode fazel-o. Por isso muitas vezes elle verberou essa mentida civilização a seus adherentes; pois não conhecia como civilização o proceder vandálico dos alceiadores dos mais gloriosos monumentos da piedade dos nossos antepassados; e os jornalistas não reconhecem outra (como o mostram os actos de toda a turba por elles capitaneada, com desprezo das severissimas objurgações com que frequentemente os expunha á animadversão publica.

Estas duas civilizações tão incompatíveis entre si, como poderam combinar-se por tal modo, que os ardentes e incorrigíveis sectarios da segunda podessem venerar o apologista da primeira? Esse facto desnatural figurou-se comtudo realzado, e por modo igualmente repugnante aos seguidores convictos da primeira, e aos interesseiros sectarios da segunda. Não seria isso uma das causas, e bem pode rosa d'esta *indifferença*?

Ainda outras houve, a nosso parecer, com quanto alguma d'ellas fosse unicamente conhecida, ou realmente só se encontrasse nas manifestações exteriores. Mas d'essas fallaremos mais tarde; agora discorreremos exclusivamente a proposito do que o «Diario Illustrado» allegou, e serviu de fundamento ao de «Noticias» para carpir essa *indifferença* glacial.

O panno funerario que cobria o caixão era velho e roto; a tarimba era pobre e mesquinha; os rapazes que serviam na igreja estavam descalços e mal vestidos; e não houve quem velasse o cadaver.

Não podêmos negar estes factos, nem tambem affirmal-os, porque não fomos a Val de Lobos; mas dado que verdadeiros fossem os factos allegados, apenas podem provar a pobreza da igreja parochial, e por nenhum modo o «pouco fervor» da população. A *indifferença* que notamos é a do Estado padroeiro, que tal se fez a si mesmo, desatendendo as leis da Igreja, e os direitos de terceiro que deveria respeitar. E para que o fez? para não cumprir os deveres rigorosos do titulo e funções que tomou indevidamente, deixando as parochias pobres sem as alfaias necessarias para a decencia do culto.

E' verdade que a ultima allegação prova *indifferença*, e muita; mas sómente a vemos nos que se diziam amigos do «grande historiador», que não só durante quatro dias em que esteve suspenso entre a vida e a morte, inclinando-se sempre mais para o tumulo, não se lembraram de lhe aconselhar que cumprisse os ultimos deveres do christão, ou não quizeram fazel-o, o que seria muito peor; mas até depois do seu passamento, não souberam revesar-se para velar sobre o cadaver do homem de quem se diziam amigos, e fingiam prantear. Seria porque não tinham mais claridade a esperar do sol que se apagára?

Como não lêmos o «Diario Illustrado» ignoramos se elle realmente disse o que nos contaram, e deixamos exposto. Se não é isso verdade, tenha se por não dito o que fica escripto.

E agora vamos ás outras causas da *indifferença*.

Não é quasi certo que seria, e de grande vulto, o conhecimento que muitos da população tinham, de que não eram sinceros amigos do finado esses que mais procuraram fazer-se passar por amigos seus, assim que o viram morto, não obstante mostrarem-se rancorosos inimigos seus, muitos dos *carpideiros*? Cremos que sim, e que esta hypocrisia aflastaria de junto do seu athaude bastantes pessoas que ahi concorreriam se ella os não aflastasse d'elle? De mais de um sabemos nós que pôde com affouteza afirmar-se.

Ha outra cousa ainda, a respeito da qual abrimos um capitulo especial, porisso que se refere só aos catholicos. Temos a inteira convicção de que nem um só se acercou do athaude do sr. Herculano, com quanto não faltasse a offerecer suffragios pela sua alma. Ha muitos annos que os seus escriptos denunciavam o homem que se aflastava a passos de gigante do redil catholico. Da simples racionalista chegou a collocar-se á testa dos inimigos da Egreja

Catholica, e a filiar-se na seita excomungada conhecida lá fora pela denominação que tomou de *velhos catholicos*, ajuntando á rebellião audaz a mentira cobarde. E, achando-se n'esta desgraçada situação, morreu sem se reconciliar com Deus e a Egreja!

Os seus panegyristas parece terem timido medo de que estas cousas podessem esquecer, e os catholicos continuassem a incluir o seu nome entre os que o conservam inscripto nos livros da Egreja, pela graça do baptismo. Assim o «Diario de noticias», fazendo a enumeração dos seus escriptos, quando já se achava a braços com a morte, não esqueceu o *Eurico*, chamando-lhe protesto solemne contra o celibato clerical; sem se lembrar, 1.º de que o romance era tambem nm protesto contra a mentira liberal de que o *celibato clerical* fôra inventado e decretado por S. Gregorio VII, no XI seculo, quando o godo *Eurico* protestava contra o celibato no IV (bagatella de 700 annos); 2.º que um protesto contra o celibato por um *celibatario*, não podia ter mais forza do que um jogador de profissão contra as leis prohibitivas do jogo.

E como se isto não bastasse, veio o mesmo «Diario de noticias» dizer o bastante para se reconhecer que tiveram muita rasão os catholicos em se aflastarem de concorrer a uma pura manifestação do espirito anti-catholico a pretexto do enterro d'este sr.

No dia 16, dando conta da manifestação, e uma succinta analyse de discursos que recitaram á beira do sepulchro, alguns dos seus admiradores, disse: «E o sr. dr. Pedro, medito (*sic*) do finado que insistiu (*sic*) muito n'uma ideia que é profundamente verdadeira na critica do grande homem, e é que *elle era sinceramente religioso, qualquer fosse o seu odio ao fanatismo e aos erros* dos que se dizem sustentáculos da mesma (*sic*) religião (*qual?*)»

Se lá estivessem catholicos teriam sido gratuita e grosseiramente injuriados na intenção do sr. dr. Pedrosa, que por se metter aonde não podia, nem devia entrar por incompetencia, só conseguiu injuriar o defunto e a si mesmo.

Se nos não enganamos, este sr. dr. assistiu como medico aos ultimos dias da doença do seu amigo, e deveu conhecer que ella era mortal, ao menos pelo estado anémico do mesmo; como pôde pois, elle medico e amigo, deixar de lhe observar que devia munir-se dos ultimos sacramentos para se reconciliar com Deus, e apresentar-se diante do seu tribunal em estado de apparecer-lhe? Comtudo não o fez!

Da parte do doente não tinha a temer nenhuma resistencia, visto que o diz sinceramente religioso; e não podia o sr. dr. sentir nenhuma repugnancia em si mesmo a fazel-o, elle que se quiz fazer passar a si mesmo como catholico; e de tal quilate, que sabia distinguir a *sinceridade do fingimento*. Seria possivel que o sr. dr. não fosse religioso? Se tivermos de suppol-o assim, o seu attestado é sem valor.

E este sr. injuriou gratuitamente aquelle mesmo de quem cuidava fazer o panegyrico, pois o qualificou de *fanatico*. Só assim pôde entender-se o odio que lhe suppez mais ou menos arbitrariamente, ao *fanatismo e aos erros*. Era *fanatismo* contra *fanatismo*. O odio é a condição essencial do fanatismo, e tanto que não se concebe sem este sentimento.

O sr. Alexandre Herculano era tambem *fanatico*. Quem o assevera é o sr. dr. Pedrosa, seu amigo.

A respeito dos erros contra os quaes era *fanatico* o finado, e contra a Egreja

que os ensinava e os catholicos que os professavam, devemos dizer que, assim qualificava a Conceição Immaculada de Maria Santissima, e a Infalibilidade do Papa, ambos os quaes attribuia aos jesuitas, ordem religiosa do XVI seculo; não obstante existirem monumentos desde os primeiros seculos da Egreja, que mostraram esta crença muitos centos d'annos antes de haver jesuitas. Os erros eram pois unicamente do lado do odiento inimigo *d'elles*, e tambem do seu incompetente e posthumo apologista.

Outro orador, o sr. Elias Garcia, querendo cantar-lhe as glorias, segundo a auctorizada versão do mesmo «Diario de noticias», disse á beira do tumulo do escriptor:

«Neste repouso, apoz lidar constante, veiu a morte surprehendel-o, e lançal-o no *captivo eterno*».

Este amigo só se contentou com pegar na alma do seu amigo, e atirar com ella ao inferno! E' este o verdadeiro, e unico, *captivo eterno*, na linguagem catholica. Será *pagão* o sr. Elias Garcia? Só assim pôde explicar-se esta *amabilidade* do republico vereador da camara municipal de Lisboa.

Quid dicam amplius? Só que tal foi o premro que os amigos lhe deram pelas suas lides. Amencie-se Deus d'esta pobre alma.

Lisboa, 20 de setembro de 1877.

Sousa Monteiro.

A peregrinação portugueza a Roma.

XI

OS MILAGRES DE LOURDES

Como que divisamos já o zombeteiro sorriso da incredulidade. Pouco importa.

E' este um argumento muito em voga hoje em dia; mas que, acostumado como estou a defrontar com elle a cada instante, já não basta a fazer-me cair a penna da mão.

Ha muita gente que protesta pelo seu catholicismo, e que não obstante julga-se com direito a mofar de quem crê em milagres.

Para estes a critica é uma senhora muito esquiva. Riem-se, porque veem rir os outros.

E como leram em tal ou qual jornal um commento sarcastico a um outro facto, que se diz miraculoso, tanto basta, a opinião está assente, o juizo formado, e nada mais é preciso;—basta rir.

Não importe saber, se quem escreveu o dictinho jocoso, tinha auctoridade bastante para assim impor o seu *ipse dixit*.

Pessoas ha para as quaes o jornal que leem, é o evangelho unico em que acreditam. Tragam-no, devoram-no, e regougando depois em publico as palavras que n'elle decoraram, arrogam a si certas ares de importancia, não consentindo a mais delicada advertencia, como se todos houvessem d'estar como elles pela infalibilidade do prelo.

Pois não é por tal modo que se apura a verdade; nem a existencia d'um facto se destroe por similhante fórma.

Estamos no seculo da discussão. Um sorriso de desdem não supre um argumento.

Discutam pois, se é verdade que tem consciencia do que asseveram, ou se ha sinceridade em suas affirmações.

Depois, riam-se embora, se, vencidos

pela logica, continuarmos a insistir em nossos erros.

Fomos a Lourdes, porque lá se venera uma imagem, objecto querido das nossas devoções.

Guiava-nos a piedade; mas este sentimento não destruiu em nada o justo desejo de ver, o que a fama havia despertado em meu espirito.

Quiz eu mesmo observar; e a curiosidade foi o segundo incentivo da minha romaria áquelles piedosos logares.

Seria carolice ou fanatismo esta resolução da minha parte? não sei;

O que sei é que se para afirmar uma verdade, não póde prescindir-se de um certo grau de certeza, para negar um facto não basta um mero capricho da vontade.

Vi Lourdes não menos com os olhos da razão do que da piedade.

E se, como catholico, as minhas crenças foram alli mais robustecidas, como observador pude tocar a evidencia dos factos, que me attrahiam.

Quisera eu, que qualquer dos nossos pretendidos philosophos, que por ali tanto avultam com o seu ar de desdem, para tudo quanto ha de sobrehumano, fosse a Lourdes, e alli nos explicasse a razão de ser de tudo quanto lá se admira.

Quisera sim, porque só d'este modo nos poderiam convencer da superioridade que gratuitamente se arrogam sobre a sinceridade com que acreditamos.

Lourdes maravilhou-nos.

E não será coisa facil o explicar pelo simples esforço humano todo aquelle arrojado de pensamento e vontade, traduzido na expressão mais elevada e generosa da fé christã.

A acção de Deus manifesta-se claramente em toda a parte.

No gigante roble das florestas, como no humilde escobrocho das colinas, a sua mão creadora deixou bem visiveis os traços da sua omnipotencia.

Mas nem porisso o homem é mais crente, nem a intervenção da Providencia menos viva, quando o cinzel do artista, superando difficuldades extremas, consegue arrebatarnos com seus delicados labores, animando o marmore, ou dando vida ao bronze.

E' assim Lourdes.

Como explicar-se, que em menos de dezoito annos uma arida montanha se transformasse n'um delicioso jardim, e que os cardos de que era erizada ou as arêas que a cobriam, se convertessem tão de repente no finissimo ouro, ou nas brilhantes perolas de que hoje se acha revestida?

E donde veio tanta riqueza, qual a origem d'aquelle milagre permanente?

Quem levou o homem a sêmear o seu dinheiro, as suas joias, o seu trabalho em terreno, por sua natureza, tão ingrato?

A's grandes empresas ante-poem-se sempre avultados capitaes.

O dinheiro é a materia prima com que o individuo ou as collectividades se preparam todas as vezes que intentam realizar uma obra que projectaram.

Em Lourdes nada disso houve.

Um pobre ecclesiastico tomou a iniciativa do grande empreendimento e sem recursos proprios, mas confiando-o unicamente ao cuidado divino, teve a satisfação de ver dentro em pouco os trabalhos concluidos, e excedendo em muito a sua esperanza.

Será isto muito natural? talvez que alguém assim o julgue; mas o que podemos afirmar é que nenhum dos que opinam d'esta fórma se atreve a demonstrarnos experimentalmente a naturalidade dos factos.

O catholico é mais simples, mas em compensação mais logico no seu modo de ver as coisas; e quando a existencia d'estas excede a sua comprehensão, sabe a quem attribui-las e, no rigor de seus raciocinios, vae até abranger o incomprehensivel.

Carolice, superstição, fanatismo, bellas palavras para occultarem a ignorancia de quem as emprega.

Como se a intelligencia e a razão fosse patrimonio exclusivo de alguns individuos que imaginando-nos envoltos em densas trevas, querem por força esclarecer-nos com a sua luz de perillampo!

Como se os milhões de devotos que Lourdes conta em toda a parte, fossem todos dominados de loucura, ou os milhares e milhares de peregrinos, que alli constantemente affluem, não tivessem olhos para ver, ou fossem dotados de consciencia tão depravada que não duvidassem mentir para enganar.

E os doentes que para lá caminham diariamente a buscar allivio a suas dores

e enfermidades, também quererão especular com a ignorancia?

Pois não faltam illustrações que lá se tenham rendido á evidencia dos factos.

M. MARINHO.

Hydrophobia.

Depois do excellente artigo, publicado pelo doutor Ozanaur, ao numero de setembro do «Bulletin de la Societé Medicale Homœopathique de France», acerca dos medicamentos empregados na China e na Cochinchina contra a hydrophobia, o artigo seguinte, extrahido do jornal «Le Scalpel» de 6 de agosto de 1876, parece-nos muito digno da attenção dos medicos:

O *xanthium spinosum*, designado vulgarmente em França sob o nome de *Lampourde*, pertence á familia das *Urticaceas*. (1)

Esta planta que cresce em muitos paizes, que se encontra no meio-dia da França, que abunda na Podolia, (2) neutralisa infallivelmente os effeitos do virus hydrophobo, com a condição porém que seja administrado a tempo, isto é, antes que os accessos d'esta temivel doenca se tenham declarado.

O auctor emprega-a, ha bastantes annos com o melhor successo; ainda não fallou uma unica vez. E' um sudorifico, um sialogogo (3) e um fraco diuretico, cuja acção é muito menos pronunciada que a do jaborandi. Raras vezes todos estes effeitos se manifestam ao mesmo tempo; ha doentes que transpiram, outros que salivavam, e ha-os que urinam mais que no seu estado normal. A temperatura eleva-se ligeiramente e a circulação é ordinariamente um pouco accelerada. Alguns doentes queixam-se de cephalagia, (4) outros de nauseas, e ha-os que tem mesmo vomitado a primeira dose do seu medicamento.

Além de uma continuada transpiração durante todo o tempo do tratamento, póde dar-se tonteadas de cabeça subitas que sobreveem de tempos a tempos durante o dia. No geral augmenta o appetite, e as digestões fazem-se sem a menor difficuldade.

A dose para um adulto é de 60 centigrammas de pó secco de folhas de *xanthium*, repellido tres vezes por dia e ministrado durante tres semanas. Para os menores de 12 annos applica-se a metade. A cauterisação da chaga é inutil. A dose para os animaes deve ser mais forte; para os quadrupedes é preciso ministrar 96 grammas por dia.

Eis aqui alguns factos citados pelo auctor em abono das propriedades do medicamento:

«Ha 12 annos, pouco mais ou menos, que um dos meus cães, accommettido de hydrophobia mordeu uma vacca, um porco, um cão, um gato e um grou domesticado. A vacca, o porco e o cão foram submettidos ao tratamento durante tres semanas. Todos os tres nunca foram atacados do mal. O grou e o gato, que dei-xei sem tratamento, morreram, da hydrophobia, um ao cabo de tres e o outro de onze dias depois da mordedura.

«Durante a guerra da Crimea, uma familia composta de 12 pessoas foi mordida por um lobo hydrophobo. Seis d'estas pessoas foram confiadas ao meu cuidado no hospital d'Olschanka (governo de Podolia, districto de Balta). Todas ellas saíram, enquanto que as outras seis, tratadas pelo cauteris em uso, e o emprego quotidiano da cantharida, da *faba touco* e da *genista tinctoria*, morreram hydrophobos no decurso de 12 a 60 dias.

«Ha dois annos, seis cães de caça, que eu tinha, foram mordidos por um cão damnado (animal que eu pude conseguir prender e que vi succumbir no fim de dois dias com todos os symptomas da raiva). Os meus cães mordidos foram divididos em duas cathogorias: tres ficaram isolados e sem tratamento, morreram ao fim de quinze dias com os signaes infalliveis da raiva; tres outros, postos em liberdade, mas submettidos ao tratamento (30 grammas por dia em tres vezes n'uma taça durante tres semanas).

(1) Planta a que os botanicos chamam urtigas.

(2) Podolia é uma provincia da antiga Polonia, hoje pertencente á Russia.

(3) Sialogogo é um termo medico, que quer dizer salivante.

(4) Cephalagia é um termo medico que quer dizer fortes dôres de cabeça.

pertencem-me ainda e nunca estiveram doentes. Tive receio por algum tempo que um d'elles não ficasse curado; desapareceu ao decimo segundo ou decimo terceiro dia de tratamento. Sabe-se que os cães, quando principiam a damnar-se, deixam a casa de seu amo. Ignorava eu o que tinha sido feito d'elle quando no fim de tres mezes tornei a encontrar-o de boa saude, em casa d'um caçador furtivo de quem o tornei a receber. Este cão está ainda em minha casa, de boa saude. Este facto prova que doze dias de tratamento pódem bastar.

«Em 1875, o conde Malachosky, proprietario nas comarcas d'Odessa, veio consultar-me com seu filho, da idade de 8 annos, mordido havia tres dias por um cão damnado. Tres semanas de tratamento poseram-no fóra de perigo. Vi-o ha quatro mezes, e passa excellentemente.

«O filho de M. Sadosky (Vallynia), rapaz de 7 annos, mordido por um cão damnado, no mez d'agosto de 1874, e submettido por mim ao tratamento por meio do *xanthium*, nunca se lhe manifestou o mais pequeno signal d'hydrophobia.

«Ainda um facto que eu escolhi, para abreviar, d'entre cem. Foi durante a guerra da Crimea. MM. Tarevski pae e filho, de Savrau, districto de Balta (Podolia), vieram a minha casa; acabavam de ser mordidos por um cão que suppunham damnado; o pae tinha a face quasi arrancada; o filho tinha mais de dez mordeduras nos braços e nas pernas. Este ultimo facto de mordeduras multiplicas, que não é habitual, fizeram-me suppor que o animal não estava damnado. Tinhamos com-tudo um meio de nos certificar. O cão d'estes senhores tinha sido mordido pelo mesmo animal. Prendi este cão em minha casa e vi-o, ao cabo de tres dias, damnar-se e morrer. Foi então sómente que eu submetti os meus dois doentes ao tratamento do *xanthium*; um e outro, curados de suas feridas, (tratamento simples), passaram optimamente.

O «Mouvement médical» dos dias 23 e 30 de setembro de 1876 o que achou mais acertado dizer acerca d'esta indicação do doutor Grymala, foi o seguinte:

«Finalmente estamos de posse d'este remedio heroico, assim o lêmos no excellento jornal da «Societé medico-chirurgicale de Liège», este novo diacarcino, (5) que nos dispensa de não mais applicar ao nosso mais fiel amigo a tortura do açaimo e a receber suas mordeduras do mesmo modo que a picadella d'uma pulga. Os bons tempos da pequena cidade de Santo Huberto estão contados, graça á descoberta feita pelo doutor Grymala, de Kzivoo-Osero, na Podolia. Com effeito, n'uma carta dirigida a M. Gubler («Journal de therapeutique», 1876, n.º 7), este apreciavel collega, declarando-se inteiramente inimigo da especialidade, annuncia *urbi et orbi*, ter descoberto no *xanthium spinosum*, o remedio infallivel contra a raiva.

«Emquanto aos effeitos physiologicos do *xanthium*, pois que endereçando-se a M. Gubler, é necessaria uma explicação physiologica, esta planta é um sudorifico, um sialogogo e um fraco diuretico, cuja acção é muito menos pronunciada que a do jaborandi. Isto nada nos explica quanto aos seus pretendidos effeitos contra a raiva, mas para certa escola, isto é mais scientifico do que admitir uma acção especifica. Demais M. Gubler não se demorará sem duvida em amontoar Pélion sobre Ossa, (6) para nos demonstrar o modo d'operar d'um medicamento tão maravilhoso. Oh Moliere, não poderes tu sair do teu tumulo!»

Evocar Moliere! e não querer que os hydrophobos se curem sem a permissão de M. Gubler ou da Faculdade! Mas os personagens de Moliere são immortaes como as suas obras. Desfontaudrés, Mocrotou, Diapirus, Purgon, fallam hoje como no seu tempo; fizeram-se jornalistas, e preferem mais que nunca que seus doentes morram antes segundo as regras do que vê-los curar fóra d'ellas. A impotencia é sempre *de si mesma infatuada*. E' o marido minotaurizado (7) que chasquea do modo mais agradável e o mais alegre os seus collegas.

Dr. A. Crelin.

(5) Diacarcino, antidoto contra mordedura de cães damnados.

(6) Pélion e Ossa: duas montanhas na Thessalia.

(7) Minotouro: monstro fabuloso, metade homem metade touro.

Conto moral

Um pae, que possuia abundancia de bens, tinha tres filhos. Em certo dia fallou-lhes do modo seguinte:

«Meus filhos, tudo quanto possuo ha de ser para um de vós, e será unicamente para aquelle que praticar a acção mais nobre e generosa. Procuraes, pois, obrar de modo a satisfazer esta condição da qual depende a vossa felicidade. Ide viajar, cada um para o seu lado, e no fim d'um anno voltee a esta casa. Aquelle que melhor desempenhar o que vos proponho, gosará dos bens de que sou senhor. Quero em minha vida fazer esta disposição, designando o meu unico herdeiro, afim de prevenir pleitos no futuro. Ide, portanto, com a benção de Deus e com a minha. O meu coração me diz que de hoje a um anno terei o prazer de vos abraçar a todos».

Depois de escutarem o pae com profundo respeito e attenção, os filhos partiram da casa paterna, dirigindo-se cada um para o seu lado.

No fim d'um anno voltaram a casa de seu pae. Este, vendo-os cheios de vida e de saude, depois de os abraçar, congratulou-se pela sua feliz vinda, e passou a inqueril-os sobre o seu procedimento no paiz onde cada um d'elles se tinha demorado.

Chamou primeiramente o mais velho que disse: «Meu pae, eu estive em uma cidade onde em pouco tempo adquiri a estima de todas as pessoas pela minha probidade. Constituiram-me depositario d'uma grande somma de dinheiro, sem documento que provasse a divida. No fim do prazo marcado entreguei fielmente o deposito ao seu dono. Não fiz, portanto, uma acção generosa?»

Respondou o pae: «Se obrasses o contrario, serias um ladrão. Fizeste o teu dever, e por isso não mereces premio. A tua acção não excede os limites da honradez: qualquer pessoa de bem faria o mesmo».

Chamou depois o segundo filho que disse: «Proximo da casa que eu habitava, ateou-se um grande incendio por alta noite. Accordei aos gritos dos meus vizinhos que quasi estavam a ser devorados das chammas. A custo se salvaram, ficando uma creancinha no berço, e já o fogo ia ganhando terreno para junto d'elle. Immenso povo acudiu ao sinistro; mas só eu tive coragem para romper entre as chammas: peguei do berço que trouxe para fóra em meus braços, e assim livre da morte a creancinha. Por este acto heroico fui applaudido por toda a gente que o presenciou, e os paes do menino, que eram meus amigos, me deram grandes recompensas».

Respondou o pae: «Na verdade a tua acção foi sublime; mas ainda assim cumpriste o dever de bom cidadão, de bom vizinho e de bom amigo. Dando-te Deus a coragem e os meios de valer a um teu semelhante, se despresasses pol-os em practica para o salvar, commetterias uma falta de que te accusaria a consciencia. A tua acção foi boa, mas muito natural; e parece que o principal motivo foi a amizade aos vizinhos. No entanto é muito digna de louvor, e vejamos agora o que fez o teu ultimo irmão».

Chamou, finalmente, o terceiro filho que era o mais novo, e que esteve calado, retirado um pouco, enquanto o pae inquiriu os seus irmãos.

Approximou-se e disse: «Meu pae, eu estive em uma terra onde abri um estabelecimento de negocio; a minha loja começou logo a ser muito concorrida, tal era a inteireza com que a dirigia, e a excellencia da fazenda que n'ella vendia. Havia, porém, alli um homem que tinha o mesmo negocio, e, vendo que eu me avantajava a elle, votou-me um odio irreconcilavel, procurando desacreditar-me por todos os meios, e até tirar-me a vida. Não só me esperou muitas vezes para me assassinar, mas também assalariou homens para esse fim. Tractei sempre de evitar maus encontros, proseguindo pacificamente no meu negocio; e felizmente escapei ás ciladas d'aquelle perverso. Ora elle costumava embriagar-se, e um dia que estava muito bebado, caiu junto d'um grande abysmo onde ficou dormindo. Por acaso ali o encontrei. Eu podia facilmente matalo livrando-me dos perigos em que vivia.

Podia seguir o meu caminho, abandonando-o, e o resultado era elle cair na profundidade. No entanto desviei-o do precipicio; o homem accordou, e conhe-

cendo o perigo imminente e certo de que eu o livrara, abraçou-me, e desde então ficamos amigos.

Acabou de fallar, e o pae, abrindo os braços a seu filho, com lagrimas de alegria, respondeu:

«Vem cá, meu filho, foste tu o que fizeste a acção mais sublime e generosa. Amaste sempre o teu inimigo, e por fim o livraste da morte em que nenhuma culpa tihas. Podias, não digo matal-o, mas continuar a tua jornada, desviando-te do teu fidalgo inimigo. Todavia livraste-o da morte. Eis o maior heroismo que praticaste. E's tu o herdeiro dos meus bens».

Padre João Vieira Neves de Castro da Cruz.

GAZETILHA

Bispo d'Angra.—S. exc.^a rev.^{ma} o sr. D. João Maria, bispo d'Angra, que veio da sua diocese, ha mezes, por motivo de doença, para ares patrios, depois de conferir no sabbado ordens a varios ordinandos no collegio das Missoes ultramarinas em Sernache do Bom Jardim, n'essa mesma tarde e noite dirigiu-se ao comboio do caminho de ferro do norte, chegando a esta cidade no comboio-correio da manhã de domingo.

S. exc.^a, antes de seguir para a sua diocese, o que tenciona fazer no 1.º d'outubro proximo, quiz ver uma imagem de N. Senhora da Conceição que o distincto artista Vieira, d'esta cidade, está fazendo, de encomenda do nobre prelado, para a cidade d'Angra. Depois de examinar a referida imagem, e visitar o Santissimo que se achava exposto no templo dos Remedios, foi visitar o sumptuoso sanctuario do Bom Jesus do Monte, onde pouco tempo se demorou, e na volta apenas pode entrar nos templos de S. Vicente e Carmo, não fazendo algumas visitas que tencionava, em razão de ter de partir no comboio das 6 da tarde.

Sentimos haver gosado da sua honrada companhia, por tão pouco tempo; e d'aqui reiteramos as saudades que lega ao editor d'este jornal a quem. exc.^a rev.^{ma} distingue com particular amisade ha trinta e tantos annos.

Ordemação.—No sabbado dia 22 s. exc.^a rev.^{ma} o ex.^{mo} sr. arcebispo Primaz conferiu ordens sacras a 73 ordinandos, sendo 37 subdiaconos, 4 diaconos, sendo dois d'Aveiro, e 32 presbyteros, sendo tambem 2 d'Aveiro.

Antes de conferir a ordem de subdiacono o ex.^{mo} prelado, segundo o seu costume, fez a todos os ordinandos uma eloquentissima pratica, em que lhes fez ver a altura do estado ecclesiastico; e que o padre, sendo o cooperador com Jesus Christo na salvação das almas, era ao mesmo tempo o homem a quem a sociedade mais devia; no entanto que hoje tudo estava de mão armada contra elle, e que nada actualmente se lhe desculpa, ainda mesmo aquillo que nos seculares tinha toda a desculpa; que hoje portanto o padre nada tinha a esperar neste mundo senão a perseguição e o insulto, porém no outro que o esperava uma corôa d'immortalidade; pois associando-se a Christo nos trabalhos, tambem a Christo se associariam na gloria. Que pensassem bem os que iam a subdiacono se se achavam com forças para este encargo; pois este passo abria um abismo entre elles e o mundo.

Este bello discurso fez derramar lagrimas a todos os circumstantes, e os mesmos ordinandos de joelhos aos pés do seu prelado choravam tambem.

S. Marcos.—Depois de amanhã tem lugar, na lórma costumada, no templo do Hospital a festividade de S. Marcos.

Conferencia.—Realizou-se antehontem, na casa da Associação Catholica, d'esta cidade, a conferencia, que annunciámos, feita pelo sr. padre João Antonio Veloso, muito digno Director espirital d'aquella associação.

O illustrado conferente escolheu para assumpto da mesma o dogma da *Infalibilidade do Pontifice*, ácerca da qual discorreu largamente, e com a prociencia que todos reconhecemos no sr. padre Veloso.

Seria muito para desejar que estas palestras fossem mais frequentes, pois não é licito pôr em duvida a sua muita utilidade, e não menor necessidade, mórmente nas circumstancias actuaes.

«Diario do Minho».—E' este o titulo d'um diario que em substituição do

«Jornal do Minho», que suspendeu a sua publicação, começou a ver a luz n'esta cidade.

No seu programma diz que não segue nenhuma bandeira politica, e que será respectivamente imparcial.

E' proprietario do «Diario do Minho», o sr. Silva Pereira.

Desejamos-lhe prospera e longa vida.

Collegio de S. Luiz.—Annuncia hoje a Direcção d'este acreditado collegio a mudança do mesmo,—da quinta da Armada para a rua de Santa Cruz, n.º 9.

Os creditos que este estabelecimo utilissimo tem adquirido, augmentam dia a dia; porisso muito o recommendamos aos paes de familia.

Caminho de ferro do Minho.—No dia 17 começou o lançamento da parte construida da ponte d'este caminho de ferro, em frente da cidade de Vianna e tem continuado a operação.

Nos dois primeiros dias, a ponte correu cerca de 20^m sobre os pilares, e mais espaço percorreria se não fossem alguns desarranjos inevitaveis.

No dia 19 a ponte passou sobre o primeiro pilar (de encontro) e ha de seguir sobre os seguintes.

Alphabete da mulher.—A. O verdadeiro assassino é a «coquette» porque mata o razão do homem.

B. Uma loira bella é o ideal do lindo; uma morena bella é a *belleza* mesma.

C. O coração d'uma mulher não escolhe, entrega-se.

D. As mulheres tem um meio seguro para *desacreditar* um homem que n'estes casos são mulheres: basta louvar por detraz as qualidades que não tem aquelle de quem se fala, e calar o resto.

E. A mulher sahe quasi sempre incolume d'uma *escaramuça* d'amor.

F. A *firmeza* na mulher é uma carga tão pesada para ella, que por isso ha poucas que possam supportar-lhe o peso.

G. O dever d'uma mulher honrada, não é precisamente o de saber *governar*.

H. A mulher que verdadeiramente ama, *humilha-se* sem retroceder ante as preocupações do mundo.

I. A *innocencia* d'uma mulher é como um raio de sol que treme na gota de orvalho.

J. A mulher que se *jacta* de ser zelosa, mente expressamente.

K. Na conversação do amor ha um *kirie* de coisas tão ditas e reditas, que se lhes poderia chamar uma loucura sublime.

L. Quando a mulher perdoa a um homem que não lhe falle *laudatoriamente*, é porque já lhe professa alguma coisa mais do que estima.

M. A imaginação dos jovens toma mil sendas laboriosas antes de chegar á estrada real por onde passeia a imaginação das jovens, que é a estrada do *matrimonio*.

N. A palavra mais doce que uma mulher pode dizer a um homem, não é tu, mas sim *nós*.

O. Entre a mulher que baixa os olhos e a que os levanta, existe a que não se perturbaria ao saber que seu olhar é toda a sua alma.

P. O supremo prazer da mulher consiste em *perdoar*, ainda quando no fundo de sua alma guardê rancor.

Q. *Querer* não é amor.

R. Uma mulher *rica* ama bem porque tem tempo de sobra; por desgraça, tambem o tem para sustentar a analyze d'um sentimento que não vive de syntheze.

S. A mulher tem duas classes de *sorriso*: o sorriso dos labios e o dos olhos. O primeiro para todos os homens, o segundo para um só.

T. O gosto do *lucador* procede do pudor, geralmente, e não destroe senão pela pureza. Testemunha Penélope, que punha os seus mais bellos enfeites para falar aos perseguidores a quem aborrecia.

U. As mulheres que não tem nada que reprehender se não sacrificam o uso.

V. A medida que uma mulher avança na *vida*, volve os olhos ao passado para verter uma lagrima.

Violencia contra a auctoridade publica e homicidio voluntario frustrado.—Lêmos no «Campeão das Provincias», d'Aveiro:

Na noite de 13 para 14 do corrente, e na occasião em que o sr. administrador pretendia capturar Antonio da Silva Gomes, o velho, disparou este um tiro de revolver contra o referido adminis-

trador, que felizmente não o acertou, passando a bala ao lado. Aquella auctoridade, seguida do regedor, e d'um seu amigo, avançou sobre o criminoso, que teve de fugir, perdendo-se na escuridão da noite.

O criminoso é um dos cinco sicarios implicados na tentativa de assassinato na pessoa do sr. Bingre. Este crime é grave e demasiadamente grave, e por isso prevenimos as autoridades judicias da comarca de Cantanhede para que cumpram o seu dever.

A mosca branca.—Ha tempo que corre noticia de existirem umas moscas brancas tão damninhas, que morderella dada por ellas era certa a morte de quem quer que fosse que apanhasse a dentada do mortifero bicho. Isto se dizia, isto se escreveu, e isto fa aterrorizando os mais tímidos. A final de contas é tudo historia e ainda bem que o é, diz a «Revolução de Setembro».

A proposito da tal mosca lê-se o seguinte n'um jornal d'Aveiro. E' curioso!

«A idéa fatal propagada por toda a imprensa de que tem apparecido um verme (mosca branca) cuja mordedura produz a morte quasi instantanea, tem ocasionado effeitos fataes, principalmente em espiritos impressionaveis. Ha poucos dias no lugar de Espinhel, appareceu um sujeito de Albergaria a Velha, trazendo consigo o jornal «Primeiro de Janeiro» o qual leu repetidas vezes uma local, que dizia respeito aos terriveis effeitos produzidos pela mordedura da mosca branca: á noite imaginou que sentia uma pequena dôr na costa da mão esquerda e de repente imaginou estar affectado da mordedura d'esse insecto venenoso: accusou logo ás pessoas da casa um adormecimento em todo o braço; atemorizado principiou a accusar o mesmo adormecimento em toda a perna do mesmo lado, depois o peito, em seguida a cabeça; emfim a familia da casa viu o bom do homem completamente perdido, apesar dos esforços que empregou para afastar d'elle aquella idéa fatal, que talvez o faria succumbir, se n'aquella occasião se achasse só. Depois de ceia continuaram os esforços da familia para afastar d'elle a idéa que o dominava, e o nosso homem, deitando-se na cama pôde conciliar o somno! Quando acordou estava bom, e chegou a confessar com ingenuidade, que a imaginação affectada era capaz de o matar».

Curiosa anedocta.—Uma curiosa anedocta, que demonstra quanto é fértil a veia americana com relação ao annuncio:

Representava-se ultimamente no theatro de Boston, o *Fausto* de Gounod

No quadro da apparição, em que Mephistofes mostra ao dr. Fausto, Margarida; esta em vez de estar fiando na tradicional roca, estava cosendo á machina.

No mesmo instante, espalhou-se nas platéas e camarotes grande numero de programmas annunciando umas machinas de novo systema.

Divertimento com um urso.—Com esta epigrapha transcreve uma folha, de Vizeu, de um jornal americano, o seguinte:

Ha dias dois mexicanos tiveram um urso pardo no sitio chamado da Solidade. Parece que haviam descoberto o rasto d'um urso e o seguiram, quando repentinamente o encontraram entre as matas e o atacaram. D'um salto a fera arrancou a arma das mãos d'um dos homens, dando-lhe uma terrivel dentada n'um braço; mas o caçador felizmente escapou d'entre as garras do animal. O urso atacou em seguida o outro, arrancando-lhe tambem a carabina; além d'isso tombou-o no chão, onde lhe esmagou a cabeça d'uma maneira horrivel. Entretanto que o urso se occupava em sua sangrenta faina, o homem que havia perdido o braço continuou o seu ataque e depois de lhe disparar varios tiros de revolver conseguiu metter-lhe uma bala no coração. O urso era dos maiores que se tem visto no condado. Depois de tão terrivel encontro, os dois homens andam coisa de cinco milhas, até uma estação do caminho de ferro, conduzindo o menos ferido o outro quasi moribundo que morreu no hospital dos Anjos.

Guerra do Oriente.—Os ultimos telegrammas relativos á guerra do Oriente, são os que seguem:

Paris 21—Os montenegrinos estão inteiramente senhores dos desfiladeiros de Douga.

Noticias de Vienna dizem que Andrassy não tomou compromisso algum na entre-

vista em Salzborg. Em cousa alguma será alterada a politica Oriental, da Austria.

Bucharest 20—Plewna tem sido fortemente bombardeada; os turcos respondem pouco, por falta de munições. Os roumanios da ala direita avançaram até 250 metros das posições turcas. Os russos da ala esquerda, enfraquecidos pelos combates de 11 e 13, elevam reductos. O numero dos russos com os ultimos reforços é de 50:000 e o dos turcos de 60:000 homens.

Pesth 21—Assegura-se que Andrassy e Bismark não tomaram outra resolução em Salzborg se não que operariam de accordo para um armisticio logo que fosse possivel.

Constantinopla 22—Mehemet-Alli-Pachá bateu hontem os russos que entre mortos e feridos tiveram 4:000 baixas.

Portuguezes fallecidos no Pará.—Por informação do consulado de Portugal no Pará, datada de 7 julho de 1877, dirigida á direcção dos consulados e dos negocios commerciaes em Lisboa, consta haverem fallecido na capital d'aquella provincia durante o mez de junho findo, os seguintes subditos portuguezes:

Alfredo Fernandes da Silva, 22 annos, solteiro, filho de José Francisco da Silva, de Mattosinhos; Antonio Rodrigues de Almeida, 30 a., s.; filho de Manoel de Almeida e Maria Rodrigues Teixeira, da freguesia de Tendães; Jacinto Leite Pereira, 26 a., s.; filho de Manoel Leite Pereira; João Manuel Vaz, 55 a., v.; da freguesia de Cambazes; José Joaquim Guedes, s.; filho de Manoel Joaquim Guedes

Portuguezes fallecidos no Rio de Janeiro.—Desde 30 de agosto a 1 de setembro falleceram no Rio de Janeiro os seguintes subditos portuguezes:

Joaquim Antonio Baptista, 34 annos; Maria José Xavier, 50; José Teixeira Peixoto, 39; José Monteiro, 40 a., v.; Antonio Pereira de Carvalho Pinto, 31 s.; José Domingues Dias, 30 s.; Joaquim José dos Santos, 43 a., v.; Maria Amelia Monteiro, 64 a., v.; José Pereira da Motta, 20 a., s.; Antonio Bernardino Cardoso, 26 a., c.; Valentino José de Almeida, 66 a., s.; Albino Gonçalves Ramalho.

SALVAE AS CREANÇAS

Pela doce *Revalésière du Barry de Londres* — Por toda a parte se deplora que a creança — a alegria da familia e a esperança da nação — é muito mal tratada. Sómente devido á ignorancia das mães e das amas, morrem ellas no primeiro anno, 60:000 em França e 40:000 em Inglaterra! Esta miseria é devida ou a uma alimentação de leite muito frequente, ou antes ao uso do leite de vacca ou de cabra, ou á açorda — alimentos inadmissiveis, e que, ordinariamente, trazem uma irritação da mucosa, e, como consequencia inevitavel, a escandescencia ou a diarréa, os vomitos continuos, a atrophia, as caimbras, os espasmos, a morte. Reconheceu-se que a digestão de uma creança, uma vez comprometida, as drogas mais bem escolhidas não tem poder de reparar o mal! E' um flagello para a familia e para o paiz esta cruel destruição! Ha contudo um meio simples e pouco dispendioso de o conseguir, e que tem sido provado durante vinte e oito annos; é sustentar as creanças de peito e as creanças doentes e fracas de qualquer idade com a *Revalésière Du Barry*, tres vezes ao dia, simplesmente cosida com agua e sal.

E', finalmente, o sustento por excellencia que, elle só consegue evitar todos os accidentes da infancia.

Citemos algumas das provas abundantes da sua influencia invariavelmente salutar, mesmo nos casos mais desesperados.

Cura n.º 80:416.—O sr. doutor F. W. Beneke, professor de medicina na Universidade de Marbourg, refere-se da seguinte maneira á clinica de Berlin, em 8 de abril de 1872:

«Nunca esquecerei que devo a vida de um de meus filhos á *Revalésière Du Barry*.

«A creança, na idade de quatro annos, soffria sem causa apparente, uma atrophia completa, com continuos vomitos que resistiam á mais cuidadosa dieta a duas amas e a todos os tratamentos da sciencia medica. A *Revalésière* fez parar immediatamente os vomitos e restabeleceu-lhe completamente a saude em seis semanas. De todas as minhas experiencias feitas posteriormente com a *Revalésière* obtive os mesmos resultados.

E' quatro vezes mais nutritiva que a carne.
Cura n.º 70:410.—Fabrica de Granvillars (Alto Rheno) 12 de julho de 1868. Senhor.—Considero-me feliz por poder dizer-lhe que o meu primeiro filho, muito desenhado, foi alimentado durante um anno pela sua **Revalesciere**, e que a sua saude e o seu desenvolvimento são uma maravilha para todo o mundo. Não ha na aldeia creança tão forte como o meu filho em relação á sua idade.—**MERCIER.**

Cura n.º 87:421.—Braxellas, 23 de junho de 1874.—O meu filho mais novo, abandonado na idade de quatro para cinco mezes pelos medicos, não queria tomar nem digerir alimento algum, e achava-se, por consequencia, n'um estado de fraqueza que punha em perigo a sua existencia; foi então que lhe fiz preparar um caldo de **Revalesciere** fraco, que elle comeu com appetite, e de que continuou a alimentar-se exclusivamente durante alguns mezes. Hoje, que tem onze annos de idade, é forte e gosa saude.—**DESWERT.**

E' seis vezes mais nutritiva do que a carne, sem esquentar, economisa cincoenta vezes o seu preço em remedios.—Preços fixos da venda por miudo em toda a peninsula:

Em caixas de folha de lata, de 1/4 kilo, 500; de 1/2 kilo 800 rs; de um kilo, 15400 reis; de 2 1/2 kilos, 35200 reis; de 6 kilos, 65400; e de 12 kilos, 125000 rs.

Os **biscoitos da Revalesciere** que se podem comer a qualquer hora, vendem-se em caixas a 800 e 15400 reis.

O melhor chocolate para a saude é a **Revalesciere chocolateada**; ella restitue o appetite, digestão, somno, energia e carnes duras ás pessoas, e ás creanças as mais fracas, e sustenta dez vezes mais que a carne, e que o chocolate ordinario, sem esquentar.

Em pó e em paus, em caixas de folha de lata de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 reis; de 48 chavenas, 15400; de 120 chavenas, 35200 reis, ou 25 reis cada chavena.

DU HARRY & C.ª LIMITED.—Place Vendôme, 26, Paris. 77 Regent-Street, Londres. Valverde, 4, Madrid.

Os pharmaceuticos, droguitas, mercieiros, etc., das provincias devem dirigir os seus pedidos ao deposito Central; snr. Serzedello & C.ª Largo do Corpo Santo 16, Lisboa, (por grosso e miudo); Azevedo Filhos, praça de D. Pedro, 31, 32, Barral & Irmãos, rua Aurea, 12—**Porto**, J. de Sousa Ferreira & Irmão, rua da Banharia, 77.

DEPOSITOS ENTRE DOURO E MINHO.—**Aveiro**, F. E. da Luz e Costa, pharm.—**Barcellos**, Antonio João de Sousa Ramos, pharm., Largo da Ponte.—**Braga**, Domingos J. V. Machado, drog., praça Municipal, 17—Antonio A. Pereira Maia, Pharm., rua dos Chãos 31—**Pipa & Irmão**, rua do Souto.—**Vianna do Castelo**, Afonso drog., rua da Picota; J. A. de Barros, drog., Rua grande, 140.—**Guimarães**, A. J. Pereira Martins, pharm.—Antonio d'Araujo Carvalho, Campo da Feira, 4; José, J. da Silva, drog., Rua da Bainha, 29 e 33.—**Ponte de Lima**, Miranda, pharm.—**Porto**, M. J. de Sousa Ferreira & Irmão, Rua da Banharia, 77; J. R. de Sequeira, pharm., Casa Vermelha; E. J. Pinto, pharm., Largo dos Loyos, 36; Viuva Desirê Rahir, Rua de Cedofeita, 160; Fontes & C.ª, drogs., Praça de D. Pedro, 105 a 108; Antonio J. Salgado, Pharmacia Central, Rua de Santo Antonio, 225 a 227.—**Ponte de Lima**, A. J. Rodrigues Barbosa, pharm.—**Poveas do Varzim**, P. Machado de Oliveira, pharm.—**Valença do Minho**, Francisco José de Sousa, pharm.—**Villa de Conde**, A. L. Maia Torres, pharm.

COLLEGIO DE S. LUIZ

Rua de Santa Cruz n.º 9

A Direcção do Collegio de S. Luiz annuncia que este estabelecimento litterario e de educação, o qual tem funciona do na quinta da Armada, mudou para a rua de Santa Cruz, n.º 9.

N'este collegio admitt-se alumnos semi-internos e externos, sendo a pensão mensal d'aquelles, 55000 reis, e a dos externos, 15000 reis por cada disciplina.

No anno lectivo de 1877-1878 leccionam-se alli as aulas seguintes:

Instrução Primaria.
 Curso completo de Portuguez.
 Francez.
 Inglez.
 Latim e Latinidade.
 Geographia, chronologia e historia.
 Mathematica elemental.

COLLEGIO INGLEZ

DO

Sagrado Coração de Maria, Virgem Immaculada

RUA DE S. MIGUEL-O-ANJO

Abrem-se as aulas no dia 1 do proximo outubro.

Este collegio continúa a funcionar, segundo as condições do respectivo programma, que se enviará a quem deseje ter esclarecimentos d'esta casa de educação para meninas.

Braga 21 de setembro de 1877.

A Directora

Thereza Hennessy.

AOS ESTUDANTES.

BRAGA.

Na rua da Boa-Vista, n.º 24, ha quartel para estudantes, o qual offerece optimas commodidades, como o podem informar os que d'elle se tem utilisado. Dirigir-se á casa referida.

A ROMA!... A ROMA!...

Valsa para piano

Alta percentagem do producto da venda revertirá em beneficencia. Vende-se no Porto, livraria Chardron; em Coimbra, Mesquita; em Braga, Catholica; em Lisboa, escriptorio d'este jornal; Lavado, rua Augusta; Catholica e de Mattos Moreira & C.ª, Praça de D. Pedro; e em Vizeu, Academia de José Maria d'Almeida e redacção da «Atalaya».

Preço 300 reis.

Quem comprar 55 exemplares tem o abatimento de 1/3 sobre a importancia, saindo cada um a 200 rs.

Grande obra de pedreiro

Quem quizer fazer, em Rossas, comarca de Vieira, duas torres, orçadas em 12:800\$000 reis, póde dirigir-se, em Braga, rua Nova n.º 3, ao escriptorio d'este periodico, onde está exposta á concorrência a planta, com todas as condições, que se hão de estipular na escriptura do contracto; e, querendo ver a pedreira etc., dirigir-se-ha, em Rossas, ao revm.º abade, que lhe mandará mostrar tudo, e lhe dará as explicações precisas.

Cada um dos concorrentes ha de fazer com toda a clareza uma proposta por escripto e assignada, declarando o menos tempo possivel, em que faz a mencionada obra, porque se faz questão da maior brevidade, e o preço porque a faz segundo a planta, sujeitando-se ás condições appresentadas, que ha de assignar, quando entregar a proposta, que será aceita no dia 10 d'outubro desde as 9 horas da manhã até ás 12, para logo serem todas remetidas ao exm.º snr. Comendador F. J. G. Agra, afim de escolher a que mais lhe convier.

O mestre, cuja proposta fór por elle escolhida, é o que faz a obra, depois de feita a escriptura. (504)

No dia 7 ou 8 do corrente, foi achada proximo da igreja de Maximinos, em Braga, uma capa de senhora. Acha-se na rua do Souto n.º 46. A pessoa a quem pertencer, dando os signaes certos, e pagando o importe d'este annuncio, lhe será entregue. (503)

Venda de quinta

Vende-se uma toda murada, com boas bouças de matto adjuntas, quasi toda alodial, a 5 kilometros de Braga e a 2 1/2 da estação do caminho de ferro de S. Bento, com boa casa para senhorio, e oratorio de dizer Missa, com casa de caseiro, cortes de gado, casa de eira, lagar, e adega: tem uma mina de bastante agoa, um lago d'onde se tira agoa com engenho de ferro, poço com bomba do mesmo metal para uso domestico, uma bica d'agua encanada, com grande tanque proximo das casas, fructas de diversas qualidades e o vinho é rico; tem mattos para dobrado terreno e bons pinhaes, com proporções para na mesma se montar qualquer estabelecimento, e podendo o comprador ficar com parte do dinheiro em seu poder. A quem convier, póde dirigir-se ao dr. Manuel José d'Oliveira Guimarães, abade de S. Pedro de Maximinos, Braga, que dará as explicações precisas. (499)

VENDA DE QUINTA

Vende-se a quinta do Barral, sita no lugar do mesmo nome, na freguezia de Senelhe, a limitar com a de S. Jeronymo de Real, junto a Braga, com todas as suas pertenças, juntas ou separadas, e os bens das Pêgas, na freguezia de S. Jeronymo, a limitar com aquelles. Os bens e montados a limitar em parte com os da quinta de Real. Para tractar, rua dos Capellistas 20 C—Braga. (495)

MILIA REAL INGLEZA
 Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos-Ayres
 Aceitando tambem passageiros de 3.ª classe pelo mesmo preço que para o Rio de Janeiro para SANTOS, PARANAGUA, SANTA CATHARINA, RIO GRANDE DO SUL, PORTO ALEGRE, CAMPINAS, S. PAULO, CAMPOS, VICTORIA, MACEIO e outros pontos do littoral e interior do Brasil, ao sul de Pernambuco, com trasbordo no Rio de Janeiro e incluindo hospedaria e sustento gratuito durante a demora precisa para obter trasbordo.
GUADIANA Este paquete da Companhia Mala Real Ingleza sahirá de Lisboa em 25 de Setembro.
 Para mais esclarecimentos dirijam-se á Agencia Central no Porto, rua dos Ingleses, 23 — o agente Guilherme G. Tait, e nas provincias ás agencias e correspondencias nas principaes cidades e villas.
 Agente em Braga o snr. João Manoel da Silva Guimarães, Rua do Souto.

CONTRA TOSSES.

Os **Rebuçados mytilicos**, de natureza balsamica, calmante, peitoral e expectorante, são o melhor dos remedios até hoje conhecidos nas doenças tossicolosas. Caixa 200 reis.—Meia caixa 100 reis. Unico deposito: PHARMACIA CENTRAL, rua de Santo Antonio, 227, no Porto.

Em Braga: PHARMACIA DOS ORPHÃOS, praça Municipal. (451)

ALUGA-SE a casa apalaçada construida de novo, com quintal e poço, na rua da Ponte n.º 58 C. Para tractar no n.º acima. (448)

ALUGA-SE

Duas moradas de casas quasi concluidas na sua construcção, sendo: uma na rua da Sé entre os n.ºs 15 a 18—outra na rua de Santo Antonio das Travessas entre os n.ºs 16 a 18, e com frente para a nova rua (antigo Couto do Arvoredo).

Podem ser vistas a qualquer hora, para tratar de seu ajuste, com seu proprietario João da Costa Palmeira. (434)

COMPANHIA CARRIS DE FERRO DE BRAGA

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

São convidados os snrs accionistas d'esta companhia a reunirem-se no dia 6 do proximo mez de Outubro pelas 12 horas da manhã na casa do campo de Santa Anna, n.º 7 em Braga, afim de se dar cumprimento ao indicado nas cartas convocatorias de 1 do corrente mez de Setembro.

Braga 2 de Setembro de 1877.

O presidente da Assembleia Geral

(471) Antonio Lopes de Figueiredo.

Vendem-se duas moradas de casas sitas uma na rua de D. Pedro V designada com o n.º 1 e 1 A, e outra na rua do Anjo, designada com o n.º 11 e 11 A. Para tratar procure-se o snr. Bento Gonçalves Fernandes morador na rua de S. Sebastião, na casa n.º 25. (324)

VENDA DE CASAS

Uma na rua do Charqueiro de 1 andar e quintal, n.º 4.
 Duas terras, n.ºs 7 e 8, com quintal, na dita rua.
 Duas nas escadas de Guadalupe, com quintal, n.ºs 16 e 17.
 Uma na rua das Aguas, feita de novo. Quem as pertender trata-se com a Agencia do Banco do Minho. (263)

VENDA DE QUINTA.

Na freguezia de S. Mamede d'Este, vende-se uma quinta no valor de cinco contos de reis.
 Quem a quizer comprar, póde tractar do seu ajuste com o snr. Manoel da Silva Rocha, morador na antiga casa do Hospicio Municipal, d'esta cidade. (497)

ARRENDAR-SE

Uma morada de casas de dous andares, com quintal e poço e construida de novo, na rua de S. Geraldo n.º 18. Trata-se na mesma. (482)

MUDANÇA

José Joaquim Coelho dos Santos, negociante de pannos, na rua Nova n.º 40, muda para o largo do Paço n.º 9, d'esta cidade. (502)

Aluga-se a casa n.º 7, na praça d'Alegria, construida de novo e com elegancia, esta casa tem uma boa loja para qualquer negocio, e pode-se alugar junta ou em separado, quem a pretender falle com seu dono na rua Nova de Sousa n.º 56. (474)

RIBEIRO

CIRURGIÃO DENTISTA

APPROVADO PELA ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

Rua de S. Marcos n.º 19.

BRAGA.

Faz tudo quanto diz respeito á sua arte e continúa operando gratis, pobres e soldados. (380)

PADRE SENNA FREITAS

SCRIPPTOS CATHOLICOS D'HOVEM

Preço 500 reis

A' venda na Livraria Catholica Portuense, praça de D. Pedro, 131.

ANNUNCIOS

Venda de predios

Quem pertender comprar, duas moradas de casas e dois terrenos, na praia de banhos d'Apulia, falle com Antonio dos Santos d'Azevedo Magalhães. O producto da venda, convido, póde ficar na mão do comprador a juro de 5 0/10 ao anno mediante a respectiva hypotheca. (509)

Ações e promissórias de bancos e companhias

Compram-se e vende-se na rua Nova de Sousa n.º 9. (510)